

JOSILENE FERRO ANTUNES

*EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR  
E  
EDUCAÇÃO PARA O LAZER*

*A questão das pessoas portadoras de deficiência física*

**Faculdade de Educação Física  
UNICAMP  
1999**



JOSILENE FERRO ANTUNES

*EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR*  
*E*  
*EDUCAÇÃO PARA O LAZER*

*A questão das pessoas portadoras de deficiência física*

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de **Licenciada em Educação Física**, sob orientação do Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino.

**Faculdade de Educação Física**  
**UNICAMP**  
**1999**

# AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos:

À Deus, por ter garantido as condições necessárias para a realização deste trabalho.

Aos meus pais pela constante luta para transformar meus sonhos em realidade, e ao meu irmão pelo carinho.

Ao Marcellino por dividir comigo um pouco de sua inesgotável experiência, pela compreensão, pela constante preocupação com meu estado de saúde, por me ensinar muito mais do que assuntos relativos à pesquisa, enfim, por ser efetivamente um orientador.

À minha querida irmã Isabel, por me fazer perceber que amizade é muito mais do que andar ao lado de alguém. É fazer parte dos planos, das lutas, dos desafios, do conhecimento, das risadas, das lágrimas tristes e das alegres. Obrigada por você existir!

À minha prima Juliana pela presença em meus momentos mais importantes, pelo incentivo, pelos agradáveis momentos de lazer, pelo companheirismo e cumplicidade.

À todos os meus amigos da turma 96, que fizeram destes anos, momentos muito especiais.

Aos amigos da O 10, que são a minha família em Campinas.

À Wanda e à Dani pela paciência e compreensão durante a construção deste trabalho...

Ao Gustavo, pelos momentos alegres e reflexivos aos “pés” do violão.

Ao TocoTó e à Carol, por me fazerem rir com tanta facilidade.

À Bayki, por estar sempre pronta a me ouvir e ser a grande amiga que é.

À Jaque, por conseguir transformar o dia-a-dia em momentos artísticos.

À Deb pela força em todos os momentos e por aceitar remar comigo neste novo barco...

Ao Smurf, por dividir comigo seus sonhos, seus planos... e me ajudar a construir os meus.

Aos meninos de Maceió, vocês são demais! Muito obrigada por tudo!

À Dani Crivelli, por compartilhar comigo o estágio, sendo sempre doce, até nos momentos mais difíceis.

Às crianças do estágio, que sempre me ensinaram muito mais do que eu à elas...

Às pessoas que participaram das entrevistas do trabalho de Iniciação Científica.

Ao Prof. Roberto R. Paes, ao Professor Paulo César Montagner e a todos os amigos do projeto Bola na Cesta.

À Silvana Blascovi-Assis e ao Sílvio Ricardo da Silva, pelo tempo dedicado na análise deste trabalho.

À todas as pessoas que de alguma forma participaram da minha vida nestes inesquecíveis anos que passei aqui na FEF.

Dedico este trabalho a todos os  
os educadores que se dedicam a  
fazer da construção do conhecimento  
um ato de prazer.

## RESUMO

Neste trabalho procurei analisar as possibilidades de atuação da Educação Física Escolar nas barreiras para o lazer enfrentadas pelas pessoas portadoras de deficiência física (PPDF)

No primeiro capítulo apresentei as principais considerações da minha pesquisa de Iniciação Científica, na qual estudei as principais barreiras que restringem a participação de pessoas portadoras de deficiência física em atividades de lazer realizadas em equipamentos específicos.

No segundo capítulo tratei das relações entre educação o lazer, reconhecendo o lazer tanto como “veículo”, como “objeto” de educação.

No terceiro capítulo abordei a questão específica da Educação Física Escolar na educação para o lazer.

No último item (CONSIDERAÇÕES FINAIS), teci algumas considerações relacionando as barreiras para o lazer da pessoa portadora de deficiência física e a educação física escolar.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I: Barreiras para o lazer da pessoa portadora de deficiência física.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO II: Relação entre o Lazer e a Educação.....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO III: A Educação Física Escolar e a Educação para o Lazer.....</b>	<b>36</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: As Relações entre as Barreiras para o Lazer Enfrentadas por Pessoas Portadoras de Deficiência Física e a Educação para o Lazer.....</b>	<b>46</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

A idéia inicial deste trabalho partiu da observação das pessoas portadoras de deficiência física (PPDF) que participam das atividades desenvolvidas pela FEF-UNICAMP. Anteriormente, nunca tinha tido contato com PPDF, e o que tinha visto nos meios de comunicação de massas me fizeram construir o conceito equivocado de que essas pessoas eram extremamente dependentes e quase não mantinham um contato social mais efetivo.

Com o tempo, com a proximidade, pois participei de um desses programas, esse conceito foi se modificando e pude perceber que muitas dessas pessoas mantinham um grau de autonomia e sociabilização relativamente altos.

Algumas dúvidas começaram a surgir: será que a participação nesses programas estaria contribuindo de alguma forma para esse desenvolvimento pessoal e social? Quais seriam os fatores que dificultam a participação dessas pessoas em programas de lazer sistematizados e na apropriação do lazer em geral?

Para tentar esclarecer estas e outras dúvidas desenvolvi um trabalho de iniciação científica focalizando a segunda questão, mas abrangendo também a primeira.

No decorrer desse trabalho pude perceber as interrelações existentes entre a educação formal e o efetivo exercício do lazer e me propus então a estudar essas interrelações, trazendo-as mais precisamente para o campo de atuação da Educação Física Escolar.

Este trabalho não pretende esgotar o assunto, mas ser um elemento que possa contribuir para o surgimento de novos questionamentos e novos conhecimentos acerca deste tema.

# **CAPÍTULO I:**

## **BARREIRAS PARA O LAZER DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA FÍSICA**

Neste capítulo apresentarei as principais considerações do meu trabalho de Iniciação Científica (ANTUNES, 1999) como ponto de partida para a questão central a ser abordada nesta monografia.

Quando se pretende uma apropriação ampla e diversificada do lazer, com a participação das pessoas de forma crítica e criativa, se faz necessário uma reflexão sobre os elementos que a influenciam.

MARCELLINO (1996 a) denomina de todo inibidor o conjunto de fatores interligados que restringem ou até impedem o exercício do lazer.

Focalizei mais precisamente as barreiras para o lazer enfrentadas pelas pessoas portadoras de deficiência física (PPDF); no entanto os elementos que interferem na prática do lazer destas pessoas não se limitam a elas, atingem uma grande parcela da população em geral.

Somente para efeito de análise as dividi em duas categorias: barreiras físicas e barreiras sócio-culturais. Contudo entendo que a existência das barreiras físicas também se dá por determinantes sócio-culturais.

## 1.1 BARREIRAS FÍSICAS

Chamei de Barreiras Físicas as inadequações referentes a forma como são construídos os equipamentos urbanos em geral, e em especial, os de lazer: o excesso de escadas; a falta de banheiros adequados; falta de elevadores; portas de elevadores muito estreitas; a existência de roletas; mesas cruzadas de lanchonetes; irregularidades nos pisos; inadequações no sistema de transporte público (falta de escada rolante).

A ABNT – Associação Brasileira de normas Técnicas, sugere a metragem adequada para todos esses itens acima referidos, mas são raros os locais que se utilizam dela para sua construção.

Com relação às barreiras encontradas pelas pessoas portadoras de deficiência (PPD), o Centro de Vida Independente (SASSAKI, 1997) publicou um documento que estabelece duas categorias. Uma chamada de desenho acessível, diz respeito aos produtos e edificações acessíveis e utilizáveis por PPD, e a outra denominada de desenho universal, significa os produtos e edificações acessíveis a todas as pessoas, respeitadas as necessidades de todos. Essa diferença, que parece simplesmente semântica, na prática não é. O desenho acessível muitas vezes leva as PPD a lugares separados das outras pessoas como rampas de acesso para compensar escadarias. Já

o desenho acessível proporciona realmente uma democratização do equipamento, uma vez que todas as pessoas podem circular e permanecer no mesmo espaço.

Nossas cidades são pensadas e construídas somente visando as pessoas que se encaixam nos padrões determinados pela ideologia do lucro, não sendo respeitadas as necessidades das pessoas que não se enquadram em tais padrões, aumentando assim suas dificuldades de acesso aos equipamentos urbanos em geral, e mais especificamente aos de lazer.

## **1.2 BARREIRAS SÓCIO-CULTURAIS**

Ao tratar das barreiras para o lazer MARCELLINO (1996 a ) aponta alguns condicionantes que restringem o acesso à produção cultural. São chamadas de barreiras inter-classes sociais, as barreiras oriundas a distribuição desigual da renda, sendo este fator determinante na distribuição do tempo disponível e do espaço entre as classes sociais, bem como o acesso à escola, contribuindo assim para a apropriação desigual também do lazer. Sempre tendo o fator econômico como pano de fundo, verifica-se uma série de outros fatores que dificultam e até inibem a prática do lazer, fazendo com que ele se constitua um privilégio. São as chamadas barreiras intra-classes sociais. Entre elas estão: o sexo, a faixa etária, a violência dos grandes centros urbanos e uma série de preconceitos. A existência de todas essas barreiras forma, como já citamos anteriormente, um todo inibidor para a apropriação do lazer.

### **1.2.1 Detalhamento do todo inibidor**

A visão parcial e limitada que o senso comum tem sobre o lazer, influenciada fortemente pela mídia, dificulta tanto a compreensão

desse fenômeno como também a apropriação efetiva do mesmo pela população em geral.

Na sociedade em que vivemos, a divisão social do trabalho é desigual, assim como a divisão dos espaços, do tempo disponível, do acesso à educação e ao lazer entre as classes sociais, fazendo do lazer, e não só dele, um privilégio de alguns poucos. (CARMO, 1994)

As pesquisas existentes nessa área, apontam que a maioria da população desenvolve suas atividades de lazer nos lares, sendo a televisão a atividade desenvolvida com maior frequência.

Tais pesquisas também apontam que os participantes das atividades de lazer em geral são jovens, com nível educacional e sócio-econômico, acima da média da população. (MARCELLINO, 1996 a)

A falta de opções é uma questão a ser considerada, a maioria da população por inúmeros fatores só tem a possibilidade de se apropriar de alguns dos bens culturais via iniciativa pública, e esta muito pouco faz a respeito. As atividades promovidas por ela são na maioria dos casos insuficientes para o atendimento das necessidades da população, e mesmo quando efemeramente existem, a divulgação é precária e não garante o conhecimento dessas oportunidades de acesso ao lazer.

O alto custo das entradas de eventos particulares e os gastos provenientes do transporte também se configuram em barreiras para o lazer.

A educação e o trabalho são muito importantes no desenvolvimento do lazer das pessoas. O trabalho, por dele advir a possibilidade de satisfação das necessidades, incluindo a de usufruir dos bens culturais. E a educação, por possibilitar a discussão e o aprendizado de conteúdos e técnicas necessárias às práticas de lazer.

A indústria cultural enfatiza o valor do Ter em relação ao Ser, fazendo das atividades de lazer, bens consumíveis e altamente necessários para a obtenção de “status”.

Além dos fatores acima discutidos, uma série de preconceitos restringe o lazer às pessoas que se enquadram nos padrões de idade, habilidade, beleza, econômico, social e de normalidade estabelecidos pela sociedade de consumo. (MARCELLINO, 1995 a)

### **1.2.2 O Espaço Urbano e os Equipamentos de Lazer**

Para que haja uma efetiva apropriação do lazer é necessário, segundo MARCELLINO (1995 a), uma correspondência entre tempo disponível e espaço disponível.

Seguindo a lógica mercantilista do espaço, nossas cidades se tornaram um amontoado de construções nas áreas centrais, onde se concentram os benefícios, e um “depósito” de habitações nas periferias, nas quais a infra-estrutura é precária e há uma grande distância dos benefícios.

Os espaços específicos de lazer existentes na atualidade, em sua maioria, se concentram nos centros, ou em locais para públicos segmentados (shoppings, por exemplo). Seu número é insuficiente para atender a população e são, em quase <sup>de</sup> sua totalidade, privados.

Segundo o autor acima referido (1996 a), equipamentos específicos de lazer são espaços especialmente concebidos para a realização de atividades de lazer. Seguindo critérios de tamanho e atendimento único ou diversificado aos diversos conteúdos culturais do lazer podemos classificar os equipamentos em micro, médios e macroequipamentos polivalentes. Microequipamentos específicos são aqueles no qual são desenvolvidas atividades de um único conteúdo cultural do lazer. Como por exemplo os teatros, os cinemas, as academias, as bibliotecas. Os equipamentos nos quais são desenvolvidas atividades que contemplem dois ou mais conteúdos culturais do lazer são chamados de equipamentos médios, como os centros comunitários e centros culturais e esportivos. CAMARGO (1986) chama de macroequipamentos polivalentes, grandes parques

que abrigam construções variadas como é o caso dos *campings* e dos equipamentos de turismo social.

Como já vimos no item anterior, a maioria da população desenvolve suas atividades de lazer restringem sua utilização. A inadequação e insuficiência dos sistemas de transporte, o tempo e o valor gasto com o mesmo acabam por dificultar ainda mais a participação de pessoas das camadas menos favorecidas da população em equipamentos específicos de lazer.

Os equipamentos específicos “são importantes e sua proliferação é uma necessidade que deve ser atendida, contemplando as diversas classificações (...). Mas a ação democratizada precisa abranger a conservação dos equipamentos já existentes, sua divulgação e incentivo à utilização, através de políticas específicas, e a preservação e revitalização do patrimônio ambiental urbano.” (MARCELLINO, 1996 a: 33)

Devemos lutar não só pela criação de espaços de lazer variados e nos locais adequados, como também pela revitalização e conservação dos já existentes, mas principalmente pela democratização, pela garantia de possibilidades de acesso à todas as pessoas nos equipamentos de lazer.

### 1.2.3 A Pessoa Portadora de Deficiência Física

A falta de conhecimento da população em geral sobre o que as pessoas portadoras de deficiência física necessitam, neste caso do lazer, é um dos elementos que dificultam a sua prática. Acredito que o pouco esclarecimento sobre o que é a deficiência física e as reais possibilidades de ação das pessoas que a possuem intensifica as suas limitações e dificulta a garantia de seus direitos enquanto cidadãos.

A nossa sociedade criou uma série de padrões “ideais” a partir dos interesses do lucro: o “comportamento correto”, as “roupas da moda” e o “corpo produtivo”, discriminando tudo e todos que não se encaixam em tais padrões. As PPDF acabam sofrendo tal discriminação, sendo esta gerada pelo pré-conceito de que um corpo com limitações específicas impede a realização de “todas” as atividades. É a valorização do ter, do poder fazer, em detrimento do ser.

Uma outra questão a ser lembrada é a falta de respeito das pessoas de um modo geral com as pessoas que não participam da faixa de “produção e consumo”: os idosos, as crianças, as PPDF entre outros.

A dependência da família é um fator muito complexo na vida das PPDF, alguns dependem da mesma para a realização de uma série de

atividades do dia-a-dia, principalmente no que se refere à locomoção. A aquisição de automóveis adaptados próprios pode, em muitos casos, diminuir tal dependência, garantindo à PPDF maior autonomia sobre a própria vida.

Em relação ao conteúdo físico-esportivo do lazer, aponto como barreiras para o lazer as dificuldades existentes na prática propriamente dita das atividades, e dificuldades para a aquisição de materiais específicos necessários.

A atitude e o sentimento das próprias PPDF em relação ao lazer pode também se constituir num fator que influencia à prática do lazer.

Algumas das pessoas entrevistadas acreditam que existem poucas, ou que não enfrentam dificuldades para a prática do lazer em equipamentos específicos, contudo, suponho que esta visão é um tanto quanto equivocada, visto que a prática do lazer de todas as pessoas da nossa sociedade é determinada por fatores sócio-econômicos deveras excludentes. Suponho que a falta de conhecimento e esclarecimento sobre a existência e a influência dos mesmos seja o motivo de tal conclusão.

### **1.3 ALGUNS PONTOS DE REFLEXÃO REFERENTES À PARTICIPACÃO EM GRUPOS DE LAZER DE CONTEÚDOS ESPECÍFICOS**

Acreditando na contribuição da educação, esta entendida em seu sentido mais amplo, fiz uma análise comparativa entre as falas das PPDF que não participam e as que participam de grupos sistematizados de atividades de lazer do conteúdo físico-esportivo, com o intuito de levantar elementos para discutir o valor da atuação desses grupos na prática do lazer.

A pouca diversidade do lazer das pessoas que participam de grupos organizados de atividades físicas, comparadas às pessoas que não participam de grupos institucionalizados foi um ponto que me chamou muito a atenção, o que pode servir de alerta a nós profissionais: será que ao trabalharmos em grupos específicos, não estaríamos contribuindo para a formação de “guetos”, em termos de participação, e até mesmo de manutenção de interesse num único conteúdo cultural?

A maior parte das pessoas que não participam de nenhum grupo de lazer sistematizado e algumas pessoas que participam de grupos não percebem o lazer como possibilidade de desenvolvimento pessoal e social.

Embora muitas vezes de uma forma restrita, grande parte das pessoas que participa, de atividades físicas sistematizadas, consegue perceber esse desenvolvimento. A possibilidade de conscientização e tomada de atitude para mudanças de relevância no contexto social não foi apontada nenhuma das vezes, o que deixa o questionamento: será que as atividades desenvolvidas não têm se tornado apenas uma prática conformista?

A maioria das pessoas que não participam e que participam de grupos não costuma interferir de forma significativa nas atividades de lazer, o que nos deixa a dúvida sobre como é trabalhada a questão da participação, do estímulo à criticidade e à criatividade nesses grupos.

No próximo capítulo, me deterei nos estudos das relações entre o lazer e a educação para poder discutir, posteriormente, o papel específico da disciplina escolar na Educação Física, na apropriação do lazer.

## **CAPÍTULO II:**

# **RELACÕES ENTRE O LAZER E A EDUCAÇÃO**

Atualmente pode-se verificar a grande difusão de alguns gêneros do lazer entre a população em geral. No senso comum, o aumento de possibilidades de lazer advindas da iniciativa privada, bem como o aumento de construções e eventos de lazer propiciados pela iniciativa pública, na grande maioria das vezes como forma de perpetuação de nomes de administradores ou para garantir a manutenção do poder, acabam sendo elementos suficientes para se considerar como ótimo o atendimento dado aos conteúdos culturais do lazer. (MARCELLINO, 1995 b)

No entanto quando se reconhece as possibilidades de desenvolvimento pessoal e social no lazer, muitas dessas atividades disponíveis estão muito distantes das condições “ideais”. Tais atividades concebidas numa perspectiva “funcionalista” (MARCELLINO, 1995b) de lazer se baseiam numa idéia restrita de lazer, privilegiando somente o descanso e o entretenimento das pessoas que delas participam.

Analisando a realidade brasileira são vários os fatores que distanciam o concreto real do quadro ideal de apropriação do lazer.

Um deles é a grande carga horária de trabalho da maioria da nossa população, mesmo tendo assegurados 40 horas de trabalho semanais, o salário de muitos trabalhadores é insuficiente para garantir o atendimento das necessidades familiares, sendo necessário fazer “bicos”, principalmente nos finais de semana. As pessoas que não exercem atividades profissionais, mesmo em cidades de “tradição” quanto ao lazer, restringem suas programações a uma gama muito pequena de possibilidades, sendo a maioria delas desenvolvidas nos lares (MARCELLINO 1996 a).

Além da restrição quantitativa, pode-se verificar também a restrição qualitativa, sendo as atividades de maior qualidade disponíveis privilégio dos que dispõem de renda para usufruí-las.

Outro ponto a ser considerado é o grande consumo de atividades que nada ou muito pouco têm a ver com a cultura vivida pelos indivíduos que as consomem.

O conformismo diante das atividades de lazer também é um aspecto que deve ser considerado.

Diante desse quadro, concordo com MARCELLINO (1995b) que aponta a necessidade de “uma ação educativa que procure colaborar na alteração dessas tendências indesejáveis” (p.58)

Tal ação só tem sentido quando se reconhece que as ações no plano cultural podem ser um canal para mudanças de relevância

também no plano social. “Trata-se de um posicionamento baseado em duas constatações: a primeira, que o lazer é um veículo privilegiado de educação; e a segunda, que para a prática positiva das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação. Verifica-se assim um duplo processo educativo – o lazer como *veículo* e como *objeto* de educação.” (ibid.,58)

Embora com diferentes enfoques sobre a relação lazer/educação, a grande maioria dos autores do lazer reconhece esse duplo aspecto educativo e é sobre ele que falarei a seguir.

## 2.1 O LAZER ENQUANTO “VEÍCULO” DE EDUCAÇÃO

São muitas as possibilidades de desenvolvimento pessoal e social do lazer . “Tanto cumprindo objetivos consumatórios, como o relaxamento e o prazer propiciados pela prática ou pela contemplação, quanto objetivos instrumentais, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade, as atividades de lazer favorecem, a par do desenvolvimento pessoal, também o desenvolvimento social, pelo reconhecimento das responsabilidades sociais, a partir do aguçamento da sensibilidade ao nível pessoal, pelo incentivo ao auto-aperfeiçoamento, pelas oportunidades de contatos primários e de desenvolvimento de sentimentos de solidariedade.”(MARCELLINO, 1995b: 60)

O sociólogo Renato REQUIXA (1990 a ) enfatiza o alto potencial educativo que as atividades de lazer podem ser portadoras, sendo para ele essas possibilidades que ampliam o dimensionamento do lazer. Segundo este autor o lazer pode ser um instrumento privilegiado de educação pois atinge grandes parcelas da população.

O autor reconhece que pode-se educar pelo lazer e para o lazer, sendo esta última realizada prioritariamente pelo próprio exercício do lazer.

REED (1975), indiretamente, também fala desta possibilidade de educação pelo lazer quando, tratando do cinema, observa que hoje “o grande público é mais experiente em ver filmes do que há vinte, dez ou mesmo cinco anos, como também é mais sofisticado, mais seletivo, mais aventureiro.”(114) No entanto, são muitos os fatores que restringem o acesso à produção cultural, os quais já tratamos mais detalhadamente no Capítulo I deste trabalho.

Um fator específico a ser considerado, historicamente, é que, entramos na fase de produção, do consumo sem praticamente nenhuma tradição cultural”. Somente com o princípio da consolidação de uma criação nacional, existentes nas primeiras décadas do século XX é que se iniciou um maior desenvolvimento cultural brasileiro, tanto no âmbito da criação como do consumo, paralelamente com o início da sociedade de produção industrial. (MARCELLINO, 1995b: 62)

Este fator acima citado, juntamente com o baixo nível educacional e sócio-econômico da maioria da nossa população, favorece as influências da indústria cultural, que a partir da ótica capitalista tende a gerar necessidades padronizadas favorecendo a manutenção de atitudes conformistas. Verifica-se então, a grande necessidade de uma ação educativa que incentive o espírito crítico e a imaginação criadora, ~~que~~ ao contrário de criar necessidades individuais e sociais. “Não se trata de uma posição utópica de retorno

à sociedade tradicional, mas de um posicionamento contra o privilégio na aspiração e no acesso à produção cultural, e da recusa dos preconceitos que sempre marcaram a educação para o lazer tendo como canal a educação formal.” (ibid., p.63)

Uma “educação para o lazer” baseada no próprio exercício do lazer, sem levar em conta as considerações feitas anteriormente, além de confundir-se com uma educação pelo lazer, demonstra a crença na superioridade da ação cultural sobre a atuação da escola. O lazer seria então o “salvador” das deficiências do sistema escolar e do trabalho. Tal posição denota uma visão “compensatória” do lazer enquanto veículo de educação. (ibid.)

Ainda que não declaradamente, muitos dos autores do lazer relativizam a eficácia da escola na educação para o lazer. Preconizam então, a “educação permanente”, que numa perspectiva “utilitarista”, “compensatória” e/ou “moralizante” seria uma forma pela qual as pessoas que não têm acesso ao ensino regular terem contato com os conteúdos culturais. (MARCELLINO, 1995b)

Pode-se verificar uma série de “tendências indesejáveis”, no que diz respeito a apropriação do lazer. A grande maioria da população brasileira não se dá conta dos determinantes sócio-culturais que restringem quantitativa e qualitativamente o acesso à produção cultural; muitos dos produtos consumidos, muito pouco ou nada tem

a ver com a cultura vivida; nota-se também que grande parte das atividades desenvolvidas se dá numa perspectiva conformista. (ibid.)

A par de todos esses fatores, concordo com o autor acima ao apontar a relação entre a educação, o lazer e o processo educativo como uma forma de intervenção no plano cultural, que possa gerar alterações de relevância no plano social.

Uma outra visão da educação para o lazer é a visão “apologética” da cultura de massas, na qual a eficácia da escola é relativizada, a tal ponto, que chega a ser desnecessária a sua negação. PORTELLA (1975), após afirmar a “vagarosidade da escola se comparada com as mudanças no mundo atual diz (...) Quem educa majoritariamente a sociedade em nossos dias são os novos meios de veiculação cultural”. (p.7)

Tanto os adeptos da abordagem “romântica” como os que defendem a “educação permanente” procuram alertar “para os perigos do consumismo” e para a contaminação dos valores humanos tradicionais das ocupações de lazer pelos valores de mercado.”(MARCELLINO, 1995b:67) Como antídoto para esses “perigos” os “românticos” apontam a ação educativa da família e os adeptos da “educação permanente”, o desenvolvimento cultural da sociedade.

A apologia à prática e a crítica feroz aos perigos da passividade e do consumo vêm carregados de juízos de valor. Ressalto a posição de DUMAZEDIER (1973) que procura esclarecer que em si mesma uma atividade não é ativa ou passiva, é a atitude assumida pelo indivíduo que definirá se uma prática ou consumo é ativo ou passivo. Esse autor classifica tal “atitude” em três níveis: elementar ou conformista, médio ou criativo e superior ou inventivo.

MARCELLINO (1995) falando sobre a obra de DUMAZEDIER aponta com o características do “espectador ativo” a seletividade, a sensibilidade e inteligência para refazer, do melhor modo possível e a seu modo o caminho percorrido pelo criador”. (DUMAZEDIER, 1973:262)

A internacionalização dos conteúdos culturais proporcionada pelos avanços tecnológicos dos meios de comunicação de massas, trouxe como consequência a homogeneização, sendo passados os padrões dos países desenvolvidos, e num mesmo país das regiões mais desenvolvidas. (1995b)

Sendo a televisão a atividade de lazer mais desenvolvida pela população, tal “padronização” veiculada por ela somada a outros fatores do todo inibidor contribuem para o “desaparecimento de manifestações culturais autênticas, nos vários gêneros, notadamente

das festas, tanto lúdico-religiosas como lúdico-folclóricas.”  
(MARCELLINO, 1995b: 70)

MARCELLINO aponta dois fatores que contribuem para a homogeneização cultural: a alienação do trabalho, motivada pela despersonalização, pela ausência de participação e pelo caráter inacabado do produto e quem o produziu, ocorrido principalmente nas artes e nos esportes. (ibid.)

“Embora existam problemas com os operadores culturais que vêm nas massas, em primeiro lugar, uma fonte de lucro, deve-se opor-lhes a perspectiva humanística que considera que, o homem é resultado das circunstâncias, devemos agir para que essas circunstâncias sejam humanizadas. O processo de depuração dessa cultura de massa é bastante lento, mas já começa a mostrar seus sinais. Há uma espécie de auto-educação do público em geral, a despeito do “todo inibidor” já referido, um progresso na seletividade e de quando em quando, alguns saltos qualitativos. Fragmenta-se assim, o todo consumidor, exigindo, é bem verdade que de forma bastante incipiente, uma produção diversificada em termos de conteúdo. Nesse sentido, é cada vez mais necessária a consideração do lazer como objeto de educação – a educação para o lazer.”(ibid.,p.74)

A educação para o lazer é vista, entre outros aspectos como uma maneira de facilitar a contra-informação, que é definida por SILVA

(1982) como o “fornecimento de instrumentos ao consumidor para que ele possa fazer uma decodificação crítica das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação...” (p.34)

## 2.2 O LAZER ENQUANTO “OBJETO” DE EDUCAÇÃO

É praticamente consenso entre os autores da área do lazer a necessidade de uma educação para o lazer. MARCELLINO (1995) ao tratar deste assunto, mostra que muitos desses autores (REQUIXA, 1980 a; MARCONDES, 1972; FREYRE, 1970) baseiam tal colocação em valores “utilitaristas” e “moralistas” de lazer e sociedade, os quais colocam a educação para o lazer a serviço da inculcação de elementos que auxiliariam na formação de um “caráter social” ideal para o nosso tempo, construído sob a ótica capitalista.

FROMM, na tentativa de definir o caráter social do século XX conclui que a sociedade moderna “...necessita de homens que cooperem sem atritos em grandes grupos, que desejem consumir cada vez mais e cujos gastos estejam padronizados e possam ser facilmente influenciados e previstos.” (1970: 114)

Vejo a necessidade de uma educação para o lazer que se dê conta dos determinantes sócio-culturais existentes, mas que se dedique não a manter, mas a alterar os valores e atitudes que geram desigualdades no plano social.

MARCELLINO (1995b) também faz algumas considerações acerca deste assunto, nas quais me basearei.

Tanto para a produção quanto para o consumo crítico e criativo de atividade de lazer é necessário o aprendizado. Na sociedade tradicional, não havia grandes separações entre os conteúdos das atividades de lazer como o esporte, a arte, e a vida cotidiana. Com o surgimento dos conceitos de “arte erudita”, “esporte de elite” tanto a produção quanto o consumo dessas atividades passaram a se constituir um privilégio das chamadas elites, não por acaso, as camadas sociais que têm acesso ao aprendizado.

Pode-se notar que em alguns locais a existência de uma “educação espontânea” para o lazer, advinda da cultura tradicional, nessa forma de educação “processa-se naturalmente a iniciação para a produção e o consumo (...), uma vez que não ocorre a divisão entre dois níveis de forma nítida”(p.83). Temos como exemplo as escolas de samba e os clubes de várzea. Outra forma de educação para o lazer é a “educação planejada” na qual é necessária não só a iniciação para a produção como também para o consumo crítico, no fruir dessa produção. São exemplos: as escolinhas de esportes, os ateliês de arte, a Escola.

Mesmo com certas reservas os autores do lazer não negam a atuação da escola no âmbito da educação para o lazer. Ainda que fazendo a apologia da “crise escolar” DUMAZEDIER (1979) e REQUIXA (1980b) reconhecem que o nível de escolaridade influenciam

positivamente o acesso e a qualidade das atividades de lazer desenvolvidas. E falar em nível de escolaridade é falar de classe social, visto que a educação formal se constitui num privilégio de poucos em nossa sociedade.

Na preocupação de destacar o fracasso da Escola na educação para o lazer, alguns autores propõem a formação de especialistas para esta tarefa. São muito variadas as atribuições referentes a esse profissional preconizado.

# **CAPÍTULO III**

## **A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E EDUCAÇÃO PARA O LAZER**

### **3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O LAZER, A ESCOLA E O PROCESSO EDUCATIVO**

Sendo o lazer, a Escola e o processo educativo partes do plano cultural mais amplo, a relação estabelecida entre eles é caracterizada pela interdependência, mesmo quando analisados como pares ou de forma encadeada. (MARCELLINO, 1995b)

Falando sobre a educação o autor supra referido (1995b) aponta duas diferentes formas de educação: “a sistemática efetuada sobretudo através da Escola, e a assistemática, que compreende os vários processos de transmissão cultural, englobando, dessa forma, toda a relação pedagógica.”

Gramsci (1981) define a relação pedagógica de uma maneira ampla, não a restringindo somente à Escola, mas a distingue “em toda a sociedade no seu conjunto e em todo o indivíduo com relação aos outros indivíduos, bem como entre camadas intelectuais e não intelectuais, entre governantes e governados, entre elite e seguidores,

entre dirigentes e dirigidos, entre vanguardas e corpos do exército. Toda relação de 'hegemonia' é necessariamente uma relação pedagógica". (p.37)

Mesmo reconhecendo o valor educacional de outros elementos do plano cultural, neste estudo enfocarei a Escola e mais precisamente a Educação Física Escolar numa possível educação para o lazer.

Entendo, assim como MARCELLINO (1995b) e SAVIANI (1980), que a Escola é um veículo importante quando se pretende mudanças na ordem cultural e social estabelecidas.

Muitos dos teóricos que entendem o lazer numa perspectiva 'funcionalista', reconhecem a relação de interdependência acima referida, mas exacerbam o valor educacional do lazer, relativizando o papel da escola sob a bandeira do 'fracasso escolar', e este visto de forma estanque, limitado a fatores pertinentes exclusivamente ao ambiente escolar.

Em contrapartida, a maioria dos autores da área educacional, mesmo reconhecendo tal relação, privilegiam o papel da escola, adotando uma atitude 'apocalíptica' com relação ao lazer, considerando-o apenas como um instrumento de manutenção do poder.

Segundo MARCELLINO (1995b), uma das principais relações que se pode estabelecer entre o lazer e a educação formal é que esta é

responsável pela iniciação dos conteúdos culturais do lazer na atualidade.

Este autor também preconiza uma nova pedagogia a ser desenvolvida no ensino formal para o trabalho com esses conteúdos, a qual seria a base de uma prática educativa igualmente nova. Uma pedagogia que leve em conta “as possibilidades do lazer, como canal possível de atuação no plano cultural, de modo integrado com a escola, no sentido de contribuir para a elevação do senso comum, numa perspectiva de transformação da realidade social, sempre em conexão com outras esferas de atuação política.” (1995b) Uma pedagogia que considere o prazer e ação no presente indispensáveis para a construção de uma nova ordem social.

“Mesmo não existindo disciplinas voltadas para a iniciação dos conteúdos culturais do lazer, o papel da educação formal seria, como é, de importância fundamental para a vivência do lazer, entendida como instrumento de contra-hegemonia” p.136

### 3.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Utilizarei neste trabalho o conceito de educação física escolar construído pelo COLETIVO DE AUTORES (1993, 50) que a define como sendo “uma prática pedagógica que, no âmbito escolar tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal.”

Entendo a aula como um fato histórico-social, como um elemento cultural que influencia e é influenciado pelas “idéias sociais de valores e normas que se alteraram no decorrer das últimas décadas, baseadas em necessidades humanas – ou seja, sociais – e que estão praticamente submetidas a um contínuo processo de discussão e alteração.” (GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe-UFSM, 1991:01) CAVALARI (1995) acrescenta que tal alteração pode ocorrer não só em virtudes de necessidades do professor, como também dos alunos. A forte significação pessoal gerada pelo sentimento de que a aula é um espaço onde eles podem atender, pelo menos parte, de suas necessidades pode levar a um maior interesses dos alunos pela mesma.

Quanto ao corpo de conhecimento a ser tratados na disciplina abordada acrescento as lutas não mencionadas anteriormente.

Quanto à atividade pedagógica propriamente dita, convém ressaltar que a significação humana e social deve estar aliada aos conteúdos, proporcionando ao aluno a percepção da relevância social dos mesmos, sua contemporaneidade, desenvolvendo a noção de história e de provisoriedade do conteúdo, rompendo com a idéia de terminalidade e desenvolvendo seu papel enquanto sujeito histórico, tudo isso adequado às suas possibilidades sócio-cognitivas. (COLETIVO DE AUTORES, 1993)

DUMAZEDIER (1980) quando divide as áreas de interesse do lazer, enfatiza que são interligadas, não havendo uma divisão exata entre elas. O que se verifica no ensino formal é que as disciplinas são estanques tendo pouco ou nenhuma relação entre si e com o projeto pedagógico da escola.

Em relação às disciplinas mais diretamente ligadas ao lazer, como a Educação Física, MARCELLINO (1995b) ressalta que as atividades desenvolvidas são meramente consumatórias e a forma como a “ ‘transmissão de conhecimentos se processa’ dá-se através de métodos mais dirigidos para o produto, para a perfeição do produto acabado e não para o processo de produção, de criação – refletindo e alimentando a ideologia dominante.” (p.129)

Historicamente a disciplina Educação Física, juntamente com a Educação Artística tiveram seu início nas escolas a partir do mesmo

artigo que incluiu a famigerada Educação moral e cívica, deixando bem claro qual seria o papel que deveriam desempenhar.

Atualmente, segundo MARCELLINO (1995b) há uma disparidade entre os objetivos desta matéria apontados pelos teóricos da área, isto se dá pela falta de instrumental, ocasionado principalmente pelo baixo nível educacional das instituições de ensino de Educação Física

“Por sua vez MEDINA (1983) procura traçar um perfil do nível de formação do aluno médio de uma Escola de Educação Física , descrevendo um quadro nada animador, que certamente não é privilégio de escolas que preparam esse tipo de profissional. As características por ele arroladas são as seguintes: “a) semi-alfabetizado; b) incapaz de explicitar com clareza a que se propõe a disciplina Educação Física; c) noção pouco ampla das finalidades da educação; d) visão mais voltada para alguns esportes em detrimento de outras práticas educativas; e) dificuldade em entender a importância de uma fundamentação teórica em relação à prática; f) supervalorização do sentido de competição das atividades com ênfase no resultado e na vitória; g) visão essencialmente individualista, em prejuízo de uma visão mais social do processo educativo; h) possuidor de uma consciência caracteristicamente ingênua; i) extrema dificuldade de comunicação e manutenção de um diálogo efetivo”. (p.51) Diante desse quadro, MEDINA, denuncia a falência e a falácia das Faculdades que

muito pouco têm feito no sentido de alterá-lo. Ao contrário, como ele destaca "... é comum se ver reforçar certos aspectos negativos que os estudantes trouxeram de níveis anteriores para o superior". (p.51)

Outro fator importante a ser lembrado quando se fala na qualidade do processo educacional em educação física escolar é que muitos dos professores ministram muitas aulas semanais e em várias escolas diferentes, o que se reflete em pouco tempo de preparação das aulas e a falta de integração com a dinâmica diária da instituição da cultura local.

Para estes professores as férias prolongadas são apenas um "mito" pois são utilizadas para a busca de novos empregos para o período seguinte ou para "engrossar" o salário. "As condições de trabalho são tais que a interrupção das aulas é esperada como a única tábua de salvação que permite "esquecer" as tensões de um trabalho sem sentido" (MARCELLINO , 1995b:134)

Num trabalho realizado segundo semestre de 1998, na disciplina Educação Motora II, ministrada pelos professores Pedro Winterstein e Jocimar Daólio nesta faculdade, percebemos que o quadro verificado na situação é ainda mais caótico. Fizemos observações de aulas e entrevistas com professores e alunos, numa tentativa de "mapear" a educação física escolar em Campinas, em escolas públicas e privadas,

nos quatro últimos anos do Ensino Fundamental e no Ensino Médio e chegamos as seguintes constatações: No Ensino Médio quase não existem aulas de educação física, algumas instituições privadas a “extingiram” do ambiente escolar sendo dada ao aluno a oportunidade de escolha de uma modalidade a ser feita numa academia .Nas instituições públicas, onde ainda se garante a existência da disciplina, esta se configura num “façam o que quiserem”, onde o professor empresta uma bola aos alunos e quem se interessar “joga bola”, sendo na maioria das vezes futebol a atividade escolhida, e nestes casos, as meninas e os “menos aptos” são excluídos. Já no ensino fundamental, há uma garantia da existência da disciplina mas esta se caracteriza na maioria dos casos por futebol para os meninos e vôlei ou queimada para as meninas.

No próximo tópico analisarei as interfaces desta disciplina com uma educação mais ampla para o lazer.

### 3.3 O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO PARA O LAZER

*“É importante que as atividades de lazer procurem atender as pessoas no seu todo. Mas para tanto, é necessário que essas mesmas pessoas conheçam as atividades que satisfaçam os vários interesses, sejam estimuladas a participar e recebam um mínimo de orientação que lhes permita a opção. Em outras palavras, a escolha, a opção, em termos de conteúdo, está diretamente ligada ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece.” (MARCELLINO, 122, 1995b)*

Farei agora algumas considerações sobre o papel que a educação física enquanto disciplina escolar desempenha na educação para o lazer como um todo.

Num trabalho recente MARCELLINO (coord.) sintetiza as possíveis contribuições da educação física escolar em seis itens os quais abordarei a seguir. (1999)

Considerando o lazer como uma forma de expressão humana importante em nossa sociedade a educação física poderia contribuir no sentido de **demonstrar essa importância.**

Anteriormente já havia citado o papel da instituição escolar na iniciação dos conteúdos culturais do lazer, a educação física enquanto disciplina escolar é responsável pela **iniciação aos conteúdos físico-esportivos do lazer.**

Sendo a “livre escolha” uma das características do lazer, a formação do “gosto” pelas atividades da cultura corporal se torna extremamente importante quando se pretende uma participação mais

diversificada, crítica e criativa no lazer. Além da formação do “gosto”, possível através de **uma prática pedagógica que incorpore, ao máximo possível, o elemento lúdico da cultura**, como componente do processo educacional, **a apuração desse “gosto”** também pode ser desenvolvida através desta disciplina, para isto é necessário o desenvolvimento do seu conteúdo tanto na prática, no “saber fazer”, como também na observação contribuindo para a **formação não só de praticantes mas também de espectadores ativos**.

Um outro elemento a ser levado em conta é a contribuição para o **desenvolvimento dos alunos quanto ao se nível de participação**, o qual deve ser trabalhado partindo do “nível em que se encontram, estimulando-se o espírito crítico e a criatividade, sempre levando em conta a cultura na qual se inserem”.

A contribuição para **a percepção das inter-relações dos conteúdos físico-esportivos com os demais conteúdos culturais do lazer** também pode ser efetivada pela educação física escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

### **As Relações entre as Barreiras para o Lazer Enfrentadas por Pessoas Portadoras de Deficiência Física e a Educação Física Escolar.**

Neste último tópico farei algumas considerações relacionando as duas pesquisas efetuadas: O LAZER DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA FÍSICA: Análise das principais barreiras encontradas por pessoas portadoras de deficiência física para a prática do lazer em equipamentos específicos e este trabalho onde estudei o papel da educação física escolar numa possível educação para o lazer.

Partirei do seguinte questionamento: qual seria o papel da Educação Física Escolar na alteração das barreiras para o lazer enfrentadas por pessoas portadoras de deficiência física?

Tal questionamento só tem sentido quando se considera o plano cultural como um possível canal para mudanças no plano social, e quando se pretende tais mudanças.

Falar em educação formal, em acesso à ela, e falar sobre as reais “causas” das deficiência em nossa sociedade é falar em classes sociais, em privilégios e desigualdades.

Apontamos no Capítulo I duas categorias de “barreiras” para o lazer: barreiras físicas e barreiras sócio-culturais. Vale ressaltar que a existência das barreiras físicas se dá também por fatores sócio-culturais. (Cap. I)

Sobre as barreiras físicas que interferem no acesso das PPDF à escola e à educação física acredito que seja possível uma intervenção do professor desta disciplina junto à direção manifestando a necessidade de alterações físicas para que seja possível o acesso de todas as pessoas nos espaços específicos para as aulas de Educação Física, e lutar para que estas alterações realmente se efetivem.

Uma outra necessidade de intervenção que diz respeito não só às PPDF é relativa aos materiais específicos desta disciplina. Reconheço as dificuldades financeiras que atingem a educação pública como um todo, mas há uma grande necessidade de se lutar pela obtenção de materiais diversificados em termos de tamanho e facilidades de manuseio, materiais estes que muito auxiliam na apropriação diversificada da cultura corporal. A ênfase exagerada na possibilidade de construção de “materiais alternativos” pode levar a atitudes conformistas quanto à obtenção dos materiais específicos referentes aos elementos da cultura corporal.

Neste caso é imprescindível a participação do poder público no que diz respeito ao suporte financeiro necessário a tais alterações.

Também é de sua responsabilidade a efetivação de políticas destinadas a minimizar os fatores que reforçam a discriminação e o preconceito dificultando o exercício mais amplo da cidadania pelas PPDF.

São várias barreiras sócio-culturais que podem e devem ser trabalhadas no âmbito da educação física escolar. Uma delas diz respeito aos conceitos “equivocados” presentes em nossa sociedade acerca da pessoa portadora de deficiência.

CANTARELI (1998) considera que a convivência é um forte elemento de desconstrução destes conceitos possibilitando a construção de conceitos “reais” sobre as possibilidades de ação destas pessoas. A garantia das condições necessárias para a presença de PPDF nas aulas de educação física, e a garantia da recusa de atestados para “dispensa”, já seria um grande avanço, pois permitiria a garantia do direito à educação, este “assegurado” por lei, e do estabelecimento de contatos primários que podem se reverter em menos “preconceitos”.

A maioria dos trabalhos da Educação Física que se propõe a estudar a questão da deficiência física no âmbito escolar se restringem a fazer considerações sobre um ambiente específico: as instituições. Sei que as reais possibilidades de acesso destas pessoas ao ensino regular ainda está “engatinhando”, contudo se torna

necessária a luta para que esta situação seja alterada e essas pessoas tenham seu direito à Educação efetivamente garantido.

Ao tratar a questão da inclusão na educação formal, SASSAKI (1997) aponta a necessidade e os benefícios de se incluir as pessoas com necessidades especiais no ensino regular. Entretanto, as ações concretas verificadas se resumem a inserção de PPD que, por esforços individuais ou da família, conseguem se enquadrar nos ambientes sociais existentes. Ainda são incipientes as medidas voltadas às alterações indispensáveis à participação de pessoas que não se enquadram nos padrões de desempenho e comportamento verificados em nossas escolas.

E por falar em escolas e exclusão, ainda são muitas as crianças que não têm acesso ao ensino formal em nosso país. Ao tratar de uma educação para todos, temos que lutar para que esse “todos” não se restrinja apenas às pessoas das classes privilegiadas, aumentando ainda mais as desigualdades no que diz respeito ao acesso ao lazer e ao trabalho.

No que diz respeito ao trabalho da Educação Física Escolar, o desenvolvimento de uma ação educativa menos excludente, que privilegie as construções em grupo, onde haja a necessidade de cooperação para a resolução das situações-problema propostas pelo professor, respeitando e potencializando as diferenças individuais pode

se constituir numa maneira de construir novas atitudes em relação às PPDF, novas relações humanas como um todo.

Nessa forma de conceber a ação educativa é necessário a revisão das formas de avaliação que geralmente valorizam o “produto” educacional em detrimento do “processo” para chegar até ele.

Não fazer da escola uma “réplica” do esporte institucionalizado, onde as regras são fixas e o objetivo é atingir um nível sempre acima dos demais, demonstrando que as atividades da cultura corporal estão em constante transformação de acordo com interesses específicos, interesses esses que podem e devem ser transformados.

Em síntese, acredito que a Educação Física Escolar estará realmente educando para o lazer:

- quando tornar efetiva uma prática educativa que se preocupe com o desenvolvimento do conhecimento da área de uma forma ampla não se restringindo somente à prática das atividades corporais, mas que considere a observação e o consumo de eventos dessa natureza como conteúdos a serem trabalhados;
- quando se empenhar no sentido de tornar essa apropriação do conhecimento uma vivência agradável e estimulante ao espírito crítico e à criatividade; quando possibilitar a construção de novos conceitos e novas atitudes referentes às diversidades existentes, não às confundindo com desigualdades;

- quando incentivar a presença e a manifestação das diferenças individuais, estas concebidas no seu sentido mais amplo, não as tomando como desigualdades, pelo contrário valorizando-as.
- quando tratar de temas como preconceito e formação de padrões, vinculando-os aos seus determinantes sócio-culturais e demonstrando que é possível e necessário transformá-los.
- quando considerar as atividades da cultura corporal, assim como o lazer, partes de um todo mais amplo, o plano cultural e que estes estão em constante transformação; que reconheça que as mudanças ocorridas no plano cultural podem se reverter em alterações de relevância no plano social.

Para que essas alterações ocorram e tenham ressonância, é necessário a alterações no ambiente escolar, mas de toda a sociedade, no sentido de reconstruir conceitos e atitudes visando a apropriação do lazer e de outros elementos sócio-culturais, e a construção de uma **sociedade** efetivamente **para todos (sociedade inclusiva**, para SASSAKI, 1997).

Gostaria de destacar o papel da mídia e do poder público nessa construção. A mídia é uma formadora de opinião em potencial, acredito que é necessário, além de uma maior qualidade do que é transmitido, a disseminação de conceitos e valores menos discriminatórios e segregadores, demonstrando que a apropriação

dos bens culturais pelas PPDF dependem do envolvimento de todos na alteração dos conceitos “equivocados” , e na luta em defesa de direitos e deveres mais humanos e justos para todos os indivíduos.

O poder público também desempenha um papel muito importante. Embora haja, no discurso, uma preocupação com as pessoas portadoras de deficiência, no concreto real as questões referentes à elas não são tomadas como prioridades. São realizadas ações efêmeras, desvinculadas de uma política consistente e ainda mostram ranços de uma visão assistencialista em relação a essas pessoas.

O acesso das PPDF ao ensino regular, e a participação possível, respeitadas as diferenças individuais, não só destas mas de todas as pessoas ainda é uma utopia para a maioria das escolas, e mais especificamente nas aulas de Educação Física Escolar.

Não quero neste trabalho, “romantizar” a educação inclusiva e exacerbar o “poder transformador” do professor de Educação Física. Existem uma série de fatores que dificultam o exercício dos valores que permeiam este tipo de educação, como: as precárias condições de trabalho da maioria dos professores; a remuneração insuficiente para atender as necessidades básicas destes profissionais culminando com uma sobrecarga horária e de funções e a falta de

planejamento das aulas; a baixa qualidade dos cursos de educação física, entre outros.

Os trabalhos existentes em nossa área que tratam desse assunto ainda são poucos. Pretendo, neste trabalho contribuir, de alguma forma, para outras discussões sobre este tema, e que estas, possam culminar em ações educativas que realmente estejam preocupadas com a diversidade, a cooperação, o respeito, enfim, com a construção de valores humanos mais sólidos em nossa sociedade.

## BIBLIOGRAFIA

- ABNT. **Acessibilidade de Pessoas Portadoras de Deficiência a Edificações, Espaço Mobiliário e Equipamentos Urbanos.** Rio de Janeiro. ABNT, 1994.
- ANTUNES, J. F. **O Lazer do Portador de Deficiência Física:** Análise das principais barreiras enfrentadas por pessoas portadoras de deficiência física para a prática do lazer em equipamentos específicos. Relatório de Pesquisa, Campinas, UNICAMP, 1999.
- AMIRALIAN, M. L. T. M. **Psicologia Básica do Excepcional.** São Paulo. EPU, 1986.
- ASSEMBLÉIA NAC. CONSTITUINTE. **A Constituição do Brasil.** RJ: Bloch Editores S.A ,1988.
- BARBUY, S. **O espaço do Encontro Humano.** São Paulo, SESC, 1980.
- BLASCOVI-ASSIS, S. M. **Lazer e Deficiência Mental:** O papel da família e da escola em uma proposta de educação pelo e para o lazer. Tese de Doutorado. Campinas: FEF-UNICAMP, 1992, 124p.
- BOSI, E. **Cultura de Massa e Cultura Popular:** Leituras de operárias. Petrópolis, Vozes, 1978.
- BUENO, J. G. S. **Educação Especial Brasileira:** integração/segregação do aluno diferente. São Paulo: EDUC, 1993.
- CAMARGO, L. O. L. **O que é Lazer.** SP: Editora Brasiliense, 1986.
- CANTARELI, E. M. B.. **Barreiras Sócio-Culturais e Lazer das Pessoas Portadoras De Deficiência:** Um Estudo Do Grupo Fraternidade Cristã De Doença E Deficiência De Campinas, SP. Dissertação de Mestrado. FEF-UNICAMP. Campinas, 1998.
- CARMO, A . A . **Deficiência Física:** a sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina. Brasília: Secretaria de Desportos/PR, 1994.

- CARVALHO, L. M. G. **As Atividades Lúdicas e a Criança com Paralisia Cerebral:** o jogo, o brinquedo e a brincadeira no cotidiano da criança e da família. Dissertação de mestrado, Campinas: UNICAMP, 1998.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1993.
- DO VALE, L. A. B. Lazer: senso comum, perspectiva histórica e tentativa de definição. **Revista do Mestrado em educação.** Rio de Janeiro: UERJ, 2(3/4): 12-16, 1987.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura popular.** São Paulo: Perspectiva, 1973.
- , **Sociologia Empírica do Lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1979.
- , **Valores e Conteúdos Culturais do Lazer.** São Paulo, SESC, 1980.
- FREYRE, G. Tempo, Ócio e Arte: reflexões de um latino-americano em face do avanço da automação. *Revista Brasileira da Cultura*, Rio de Janeiro, 2 (3): 47-58, jan/mar. 1970.
- FROMM, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea.* Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- GRAMSCI, A. **Concepção Dialética da História.** 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe-UFSM. **Visão Didática da Educação Física:** Análises críticas e exemplos práticos de aulas. Rio de Janeiro: Editora ao Livro Técnico, 1991.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens:** o jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- JANUZZI, G. S. de M. Escola e Trabalho do considerado "Deficiente". In: **Anais do II Seminário sobre Educação Especial – Profissionalização e Deficiência,** Campinas, p.19-28, 1994.
- KIRK, S. A. GALLAGHER, J. **Educação da Criança Excepcional.** 2 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1991.

- MARCELLINO, N. C. O Lazer sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**: 12 (1,2,3): 313-317, 1992.
- , **Lazer e humanização**. Campinas: Papirus, 1995a.
- , **Lazer e Educação**. 4<sup>a</sup> ed. Campinas, SP: Papirus, 1995b.
- , **ESTUDOS DO LAZER: uma introdução/Nelson Carvalho Marcellino**. Campinas: Autores Associados, 1996 a .
- , Lazer: Concepções e Significados. **Licere**, v1, n1, 1998.
- , Lazer e Educação Ambiental. In **Anais do XI ENAREL**, Foz do Iguaçu, 1999.
- , (coord.) **Os tratos teóricos com o lazer pela Educação Física Escolar**. Relatório de pesquisa, Campinas, UNICAMP, 1999.
- MARCONDES, J. V .F. Trabalho, Lazer e Educação. **Documento**. Rio de Janeiro, SESC, (8/9): 7-23, set/dez. 1972.
- MAZZOTTA, M. J. da S. **Fundamentos da Educação Especial**. São Paulo: Pioneira, 1982.
- MEDINA, J. P. S. **A Educação Física Cuida do corpo ... e "mente"**. Campinas: Papirus, 1983.
- OIT. **Organização de Trabalho para Pessoas Portadoras de Deficiência**: um guia para organizações de trabalhadores. CORDE. Brasília, 1994.
- PARKER, S. **A Sociologia do Lazer**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- PELLEGRIN, A. O Espaço de Lazer e a Administração Municipal. In: MARCELLINO, N. C. (org.) . **Políticas Públicas E Setorias de Lazer** Campinas: Autores Associados, 1996b.

- PORTELLA, E. Criatividade, Trabalho e Lazer. Arte & Educação. Rio de Janeiro, 4 (17): 7, 11. Mar. 1975.
- REED, S. O Cineasta e o Público. In: CREEDY, Jean (org.). O Contexto Social da Arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1975, 101-120.
- REQUIXA, R. **Sugestões de diretrizes para uma Política Nacional de Lazer.** São Paulo, SESC, 1980 a.
- , Juventude e Tempo Livre em Países em Desenvolvimento. **Boletim de Intercâmbio.** Rio de Janeiro, SESC, 1 (1): 7-22, jan./mar./1980 b.
- , O Lazer nas Grandes Cidades e Os Espaços Urbanizados. **Cadernos de Lazer.** São Paulo, SESC/Brasiliense, 1 (1): 17-36, 1977.
- RIBAS, J. B. C. **O que são pessoas deficientes.** SP, Nova Cultural: Brasiliense, 1985.
- SAVIANI, D. **Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1980.
- SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 2ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- SILVA, C. E. L. **Comunicação, Hegemonia e Contra-Informação** (org.) São Paulo, Cortez/INTERCOM, 1982.
- SILVA, O. M. **A epopéia Ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje.** São Paulo: Cedas, 1987.
- YURGEL, M. Problemas da Arquitetura Contemporânea, **Série Estudos, no. 2,** São Paulo, SESC, 1977.